

# O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 1\$000 MENSUAES.

Anno I.

Fortaleza — Domingo, 30 de Setembro de 1877.

N. 15

## O RETIRANTE.

FORTALEZA, 30 DE SETEMBRO DE 1877.

A penna estaca, a mão treme ao descrever o facto que faz hoje o objecto de nossas reflexões!

O *Retirante*, como toda a sociedade cearense, cobre-se de crepe diante do assombroso acontecimento que n'estes ultimos dias traz em sobresalto toda a população d'esta capital, accomettida no meio das nossas desgraças!

Um homem de instinctos de fera acaba de alargar e aprofundar as chagas que corroem as entranhas d'esta terra martyr!

E' difficil conceber-se que, em estado normal, no cerebro humano possa caber tão monstruosa e fria perversidade. A physiologia não pôde encontrar a razão de um temperamento tão feróz; a psychologia só em Biectre, ou qualquer outro hospicio de alienados, poderia descobrir um *simile* para esse monstro que, calcando ao pés os preceitos mais elementares do código da humanidade, trucidada, depois dos mais barbaros flagícios, uma pobre victima da inclemencia da natureza, um misero *retirante* e por um motivo tão futil!

Só por uma singular aberração de todas as leis naturaes poder-se-ha explicar um crime de proporções tão collossaes e cercado das mais tenebrosas e funestas circumstancias.

Na quadra de horrores que atravessamos; em face do terrivel espectro da secca; rodeados de tantos infelizes que, açoutados pela calamidade, vieram implorar-nos o pão; quando diariamente balem em nossas portas a languida criancinha á estender-vos a debil e descarnada mão; a pobre donzella, cheia de pudor, coberta de imundos trapos que mal lhe escondem a nudez; a desditosa mãe, lavada em lagrimas, á ver apartar-se-lhe do seio estanque, devorado pela fome ou pela peste, o fructo querido de suas entranhas, o tenro filhinho cuja contemplação constituia toda sua felicidade; é no meio de todas essas misérias; nos arredores de uma cidade civilizada; ali, bem perto das principaes autoridades da provincia, que um crime execravel, pavoroso, horivelmente estupendo, perpetrado com verdadeiro aparato inquisitorial, com todo um arsenal de instrumentos torturantes; é no Mondubim, na margem da via-ferrea, sobre a qual duas vezes ao dia desli-

za-se o vapor attestando o nosso progresso e civilização; foi lá, repetimos, que com todos os artificios capazes de velar a ás vistas da justiça publica, um céu limpido e scintillante de fogo testemunhou uma das mais lugubres e medonhas tragedias que avolumam o grande registro das causas celebres.

Ao declinar do sol de 21 do corrente circulou n'esta capital com a rapidez do relampago o boato de haver o major Antonio Francisco Carneiro Monteiro Pirão sequestrado com a força e barbarismo de um thug e com a glacial crueza de um Troppmann um misero *retirante*, que sem duvida forçado pela fome entrara em seu sítio e arrancara algumas raizes de macacheira, resultando-lhe d'esse castigo a morte depois de prolongada e dolorosa agonia.

Quando a caridade publica manifestasse do modo o mais eloquente em favor das victimas d'esta secca desoladora que reduzio as nossas outr'ora uberrimas campinas á uma vastidão arida e deserta, joncada de cadaveres de animaes, cobertas de esqueletos vegetaes; á um immenso areial sobre o qual milhares de casas e cabanas vazias e abandonadas testemunham ao raro e ou-sado viajante que affronta tamanhos rigores—a miséria no seu mais elevado gráo; n'esse mesmo momento em que até o simples remediado reparte com o faminto as gottas de seu suor; é para pasmar, é para revoltar e confranger o mais empedernido coração ver-se um opulento lavrador, um velho já tristemente celebrisado por precedentes identicos, qual fera espumante de raiva, albanhar as carnes já quasi exangues de um infeliz que, suffocando talvez os sentimentos da honra, impellido pela dura lei da necessidade extrema, queimada a bocca pela sede, cego pela vertigem da fome, apenas arrastado pelo instincto da conservação, penetrara cambaleante em sua lavoura para tirar umas duas raizes, que para o Sr. major Pirão era uma migalha e para elle um meio de manter a existencia por mais alguns dias!

O que o Sr. Pirão chama um furto, aos olhos do homem justo e de coração é até um direito sagrado, em presença da criminosa indiferença com que o governo de Sua Magestade encara os desastres de quatro importantes provincias; em face da patriótica de meia duzia de especuladores, asqueros urubús de casaca, que accodem ao cheiro da carniça, procurando amontoar fortuna sobre a miséria publ. a

cobrinha a face com a mascara da mais falsada hypocrisia e paramentando-se com as vestes do philanthropo.

Exigem por ventura que cruzem os braços, que tombem inertes, fulminados pela fome, todos esses desgraçados, quando uma chusma de mercadores avidos de ouro fazem de nossas dores pedestal ás suas individualidades, a base de suas riquezas?

Não; não nos escutem embora os justos clamores, não consentiremos que se faça o silencio em torno do soffrimento, como deseja o Sr. Estellita, que remunera generosamente, talvez com o obolo destinado ao pobre, a folha do expediente para occultar a verdade, para desmentir as noticias que diariamente nos chegam de individuos, que morrem á falta de alimentos.

O *Retirante* continuará inabalavel no seu posto; não pôde um só instante repousar quando gemem e estorcem-se em continuo soffrer tantos de nossos irmãos; o *Retirante* combate por uma causa santa á que dedica todas as suas forças. E' em nome da humanidade e da justiça; é em nome das mães, das viúvas, dos filhos, do desvalido em summa que levantamos os mais energicos protestos contra os assassinatos commettidos pelo deleixo d'esse governo corrupto; assim como não poderíamos, sem trahir o nosso programma, passar em silencio o facto barbaro que prende a attenção d'este povo n'este instante inquieto e á reclamar o merecido castigo para o poderoso criminoso; um exemplo frisante que nos traga a convicção, de que as penitenciarías não foram construídas só para o pequeno, para o pobre, para o miseravel emfim.

Pirão ultrapassa Pontes Visgueiro; entre um e outro medeia a mesma distancia que separa a razão calma, porém perversa, da loucura gerada pela mais desordenada paixão.

Pontes Visgueiro, antes de ser assassino era um magistrado honrado, um chefe de familia exemplar, um cidadão util e pacifico. Pirão era um cogumelo social, a sua vida crivada de horriveis precedentes, peijada de criminosos escandalos.

A policia não tem procedido, é doloroso dizê-lo, com a energia e independencia que o caso requer; todas as formulas do processo tem sido atropelladas, a lei comprometida, a justiça prejudicada diante de um crime que o proprio Carlos IX encarária com terror. Entretanto, a opinião publica eloquentemente manifestada, a so-

# MUTILADO



cidade negramente ultrajada, mostra-se descontente com um patronato que, Deus queira, não possamos provar com a maior evidencia.

O Sr. Dr. chefe de policia, verdadeira carnosidade inerte, dorme o sono do indifferntismo, em quanto o povo grita e chama por justiça.

Um moço inexperiente, embora lhe recheamos os melhores desejos de acaer, não pôde, trilhando terreno tão movediço, chegar ao antro, onde cuidadosamente occultaram o crime.

Sentimos não dispor do maior espaço para de uma só vez apreciarmos toda a marcha que tem seguido a policia em suas indagações, desviada da senda da verdade pelo machiavelismo e tricas de um rabula que n'esta terra se tem constituído o patrono de todas as causas perdidas.

Promettamos, porém, acompanhar para passu os acontecimentos e d'elles inteirarmos o publico.

### Audiencia tumultuaria,

Na questão Pirão nada ha que mais indigne e revolte a opinião publica do que o despalante, a ousadia, o simulado sangue frio que aquelle grande criminoso ostenta diante da justiça e á par de seu advogado, um tal João Brigido, que n'esta terra é sempre visto á frente das mais illicitas traficancias.

Onde estiver a verdade, o justo e o honesto certamente não estará esse homem, pela mesma razão porque onde não ha carniça não pairam corvos.

Quando a luz está quasi feita sobre tão horroroso facto; quando toda a opinião publica se ergue tomada de espanto e aponta Pirão como um vulgar e barbaro faccinora; é para admirar que, fulvo de raiva ao ver desmoronar-se os seus castellos, ao desfazer-se o labyrintho em que pretendeu envolver a policia, João Brigido brás d'essas bras d'essas com o seu constituinte, affronte a moralidade e ande á morder á quanto homem de bem tem a coragem de desdenhar-o e auxiliar a justiça no descobrimento da verdade.

Inventados os papéis, vê este povo nobre e cioso de seus brios; contempla a sociedade, estupefacta e cruelmente ultrajada, o facto singular de um individuo vergado ao peso da mais odiosa imputação, investir contra todos e contra tudo, quando já se começa á espanear as travas que furtavam aos olhos da justiça o mais hediondo crime de que tem sido theatro esta provincia.

Occulta-se tudo; grita-se para impedir que se diga; chama-se, como disse alguém, assassinos os assassinados, ladrões os roubados, carrascos as victimas!

Tal o espectáculo que no dia 27 do corrente, durante a audiencia do Sr. delegado de policia, quasi todas as pessoas gradas d'esta capital presenciaram em uma das salas do paço municipal.

Tal a tatica d'esse individuo de precedentes duvidosos, unico debaixo d'este céo

capaz de quebrar laços por uma causa tão má, levando o seu arrojo ao ponto de ferir caracteres illibados em plena sessão, só porque manifestaram um justo horror por tão assombroso acontecimento; levando o atrevimento ao ponto de furminar as mais negras injurias, as mais torpes calumnias contra testemunhas do maior criterio, pessoas altamente qualificadas; só porque deposeram de modo á inutilizar os seus planos de defeza.

Que um advogado promova todos os meios licitos em favor de seu cliente; que se arme dos mais fortes argumentos em prol de sua causa; que procure mesmo desviar, até certo ponto, os passos da justiça; convimos. Mas, reconhecer a culpabilidade de um individuo, convicto de que um assassinato ou crime semelhante foi perpetrado com todo aparato de circumstancias aggravantes e secundar o delinquente na triste tarefa de obscurecer o campo das indagações policiaes; lançar mão do suborno, do terror, de todos os meios reprovados, em summa; não é de certo para o homem que pressa a sociedade em que vive e colloca a honra acima de montanhas de ouro, quanto mais de alguns vintens com que se compra certos manequins de cera.

O dia 27 ficará gravado em caracteres indelveis na historia deste povo ativo, nobre e consciente de seus direitos e prerogativas.

A consciencia de João Brigido bradará até o seu derradeiro instante contra o papel miseravel e asqueroso que representou em face de toda esta população á quem não sabe mais illudir; o seu nome, a sua falsa reputação, já moribunda, acaba de matar os a execração publica.

João Brigido deveria ter passado em revista todos os seus annos de existencia, antes de tentar a mais vil e cobarde vendetta contra o Sr. Francisco Perdighão, pobre, mas muito honesto proprietario d'este perriedico, que incorre nas suas iras só por que pleiteia a causa sublime e justa do desagrado retirante, que não dispõe da fortuna dos seus compadres, porém nem por isso enterra a honra na lama em que se alimentam as sanguexugas sociaes.

O Sr. Perdighão é uma das victimas illustres do rancor traicoeiro de João Brigido que, aproveitando o ensejo do processo Pirão, chamou-o á barra dos tribunaes por haver dito em conversa, o que já corre n'esta cidade de boca em boca, que a firma Brigido & Pirão havia comprado por cincoenta mil réis, o caboclo nédio, liso e folgazão que, indifferente, o riso nos labios, aqui se apresentou como a victima da surra do Mondubim—lizando na oca do chapéo um pedaço de massa caustica—e em uma das nadegas uma dentada de pulga.

Perseguido por este modo o Sr. Perdighão, em virtude de um artigo publicado n'estas columnas, no qual era João Brigido mercedamente accusado; o honrado Sr. Dr. Mello contra quem não se pôde articular uma só das infames calumnias que lhe atirou esse lazaro, sem faltar á justiça e cuspir o decóro; autor o Sr. Dr. Mello do alludido artigo, tornou sua a causa do Sr.

Perdighão sobre quem esperava Brigido cevar o odio que lhe incendiava o cerebro.

Homem sem religião; verdadeiro Prothen politico; apedrejando amanhã o idolo de hoje; jogando traicoeiramente todas as armas; accusando ou defendendo conforme o preço porque lhe compram a penna mercenaria; demonio familiar, plantando a sisenia no seio das familias; inculcando-se, mercadejando sua fatal intelligencia de porta em porta, como qualquer quijandeira; arrieiro e comboieiro em seus primeiros tempos; coberto de baldões por um crime identico ao do seu cliente Pirão, committido nas matas do Cariry, tendo o nome no rol dos culpados, riscado pelo patronato politico; outro Judas, esbofeteando o beneficiario logo após o beneficio; covarde traidor, lambendo a ferida apenas acaba de morder; patriota de barriga, prolelario sem eira nem beira, introduzindo-se sorrateiramente em sociedades importantes de que se faz advogado officioso e acaba por comprometter o capital dos accionistas; por depreciar a empreza em detrimento do progresso material da provincia; em epocha tão calamitosa, como a actual, esbofando-se mentirosamente pela causa do povo, d'esse povo que é na bocca de vis especuladores o instrumento de suas sordidas ambigões; esse liberal que queimaria o templo sagrado da Liberdade, que despedaçaria a estatua dos Washingtons, que escarraria ás cinzas dos Lafayette e dos Thiers, que pizaria c'os pés immundos a campa dos Andradas; esse embusteiro quebra o bico da penna, emmudece diante de tantas afflicções, cerra os ouvidos quando o espaço se enche de gemidos, ri-se quando todos choram, estaca impassivel ao meio de tantas dores; só porque, em lugar de dinheiro para obras, como elle opinava, o governo e os particulares enviaram generos e esmolos, onde não encontra gorrodo pasto á seu espirito de ganancia.

É esse homem, esse polypo, que, em presença de um publico que o conhece tão de perto, ousou arremessar chufas, injurias e calumnias; á revolver um esterquilinio de phrases nojentas; á dirigir gestos obscenos ao muito honrado Sr. Dr. Mello, por ter com o seu depoimento derrubado o edificio de sua sophistica defeza, desmascarado os artilheios, frustrado todos os seus perversos intuitos, prestando assim um poderoso auxilio á justiça, concorrendo á desaffronta da sociedade, derramando profusa e viva luz sobre o terreno da verdade.

A' essa audiencia compareceu esta capital, para assim dizer, inteira, ou pelo menos achava-se representada por muitos dos seus mais conspicuos habitantes; via-se n'essa sala as diferentes camadas de nossa sociedade; lá estava a opinião publica, como para assistir o drama o mais vivo e surpreendente; todos os olhos fitavam-se em um velho, calvo, o craneo livido contrastando com essa palidez de semblante que denunciava a lueta terrivel d'aquella consciencia; grandes oculos que mal podiam encobrir as horribes impressões d'aquella alma que se trahia em um olhar expressivo que de quando em vez trocava com o seu advogado, occultavam talvez



sobre aquellas pupillas, a ultima scena da tragedia, o ultimo estorcer da victima.

Esse velho era o indiciado; era o major Pirão; era o autor do barbaro crime do Mondubim; o rico proprietario, cujo contacto todos evitam neste momento.

Debalde o olhar publico procurava n'essa phisionomia a sinceridade, a le, a pureza de sentimentos, uma só virtude!

Todos os tragos traduziam a batalha que se feria, n'aquelle instante solemne, em todas as celulas d'aquelle cerebro em que a phrenologia descobria a um relancear de vista o funesto cortejo de todos os crimes.

A sua sentença estava lavrada no espirito publico; a hora da justiça está a soar.

Pois bem; foi no meio de tanta solemnidade que João Brígido investio contra todas as testemunhas que se apresentaram o, sem medir a distancia que separa a verdade da mentira, a honra da infamia, a virtude do crime, atacou o Sr. Dr. Mello que com serenidade, energia e entre estrepitosos applausos de todo o auditorio, sem excepção de uma só pessoa, declarou que corava de ver-se obrigado pela lei a sentar-se vis-a-vis de um ente coberto de postulas, repudiado n'aquella occasião por toda a opinião, muito generoso para não esmaegar o atrevido aventureiro que, cego pelo desespero, a razão desvaída, prorompeu em invectivas contra o povo cearense!

« Eu desprezo a opinião publica, maxime a de Ceará que bem conheço. »

Quem não ouvisse estas palavras cahidas d'esses labios prostituidos e abafadas pelos mais pomposos e vigorosos protestos?

O Sr. Dr. Mello, a victima sacrificada tão espontaneamente á causa da justiça e da humanidade, deve estar orgulhoso pelas eloquentes manifestações de apreço de que foi merecido alvo; pelas mostras de admiração que recebeu de todos os que o viram repellir com a ponta do pé o cão lazaro que tentara mordel-o.

Os vivas e os urrahs ao Sr. Dr. Mello encheram todo aquelle espaço, logo depois occupado pelos assobios, pelos fôros, por mal improprios dirigidos á Brígido pelos garotos que á porta do edificio o esperavam e acompanharam-no até á casa de Pirão.

Não podia ser mais esplendido o triumpho do Sr. Dr. Mello!

Não é possível erguer-se mais alto, pronunciar-se mais energica e pomposamente a opinião publica. Acompanhando-a, dominados do maior entusiasmo, podemos orgulhar do nome brasileiro e de ver n'esta terra, patria do trabalho, esses sublimes pronunciamentos que em todos os tempos traduziram fielmente os sentimentos de nobreza de um povo livre e conscio de sua autonomia.

Agora algumas palavras mais e teremos terminados:

A uma ou outra pessoa que censura a conducta, alias digna de imitar-se, do Sr. Dr. Mello, apresentando-se espontaneamente para depor o que sabia sobre um facto de tamanha gravidade, contenta-nos chamar a attenção publica para a opinião assas autorisada de um eminente escriptor democrata:

« E' dever rigoroso de todo cidadão; é indigno de fazer parte de uma nação livre quem por desidia, cobardia ou pusillanidade, assiste indifferente aos abusos da autoridade, aos desregramentos do poder, á affronta a sociedade que o tem em seu seio. »

### Ainda o padre Scaligero.

Acabamos de receber importantes documentos da villa de Quixadá, com relação ao procedimento do Sr. padre Scaligero, não só quanto ao delatoramento da menor Silvana, como dos meios criminosos por elle empregados para occultar o seu crime.

Armado novamente do lugar de membro de uma outra commissão de soccorros para distribuir a quantia de 600\$000 que coube áquella localidade, quando pendia contra si accusações tão graves; esbanjou o obolo da pobreza em menos de dois dias na compra de testemunhas que fossem perjurar na celebre justificação que S. S. publicou no Ceará; inclusive 50\$000 que deu a seu mano José Raymundo Maravalho.

A um pobre homem de nome José Francisco Damaceno chegou a dizer que não fazia mal jurar falso em defeza de um sacerdote!

O dinheiro assim gasto criminosamente porque até o foi em ausencia e sem sciencia dos outros membros da commissão, deve ser reivindicado por acção que compete a qualquer do povo.

Essas nomeações foram feitas pelo Sr. Bispo Diocesano, que assim quiz affrontar a opinião publica para dar prestigio a seu subalterno em vez de punil-o.

Pois bem: a S. Exc. cabe a responsabilidade moral de ser transformado a somma que lhe é enviada para dar de comer a quem tem fome, em moeda para corromper consciencias e encobrir a libidinagem de um padre.

A infeliz Silvana depois do deshonrada, é esmagada com o nome de—prostituta;

Sua mãe é obrigada a emigrar para Baturité, onde consta que acaba de expirar victima das febres;

A pobreza vê dar-se o seu pão em premio aos perjuros;

O vigário de Quixadá, fugindo coberto de maldições, aqui se acha impavido, cercado da confiança de S. Exc., sollicitando mais gorda pretenda;

E o publico que vai ler os documentos abaixo que provam tudo isto, proferirá a sua sentença.

### DOCUMENTOS.

Quixadá, 4 de Setembro de 1877.—Sr. José Francisco Damaceno.—Sirva-se Vmc. por amor a verdade, responder ao pé d'esta—se é verdade ter o vigário João Scaligero Augusto Maravalho instado com Vmc. para depor, como testemunha, em uma justificação em que pretendia ou se propunha provar que a menor Silvana Maria da Gloria, filha da viúva Thereza Maria de Jesus, já era uma mulher perdida desde mu-

tos annos, e por que Vmc. lhe tivesse ponderado que não se prestava a isto, visto que dito juramento era falso, por que tendo Vmc. morado perto d'essa indeleiz moça por algum tempo nunca ouvira fallar mal d'ella e nem lhe constar que ella seja uma mulher perdida, ao que lhe dissersa o mencionado vigário que fosse jurar que ella já era perdida que isto não fazia mal, e como Vmc. de todo se negasse a dar este juramento se o referido padre expulsou de casa d'elle o seu filho que Vmc. ali tinha e si negou-se ou deixou por este motivo de lhe dar esmola de soccorros que para aqui tinham sido mandado distribuir com os indigentes pela commissão central da capital d'esta provincia. Por-atta-me fazer o uzo que me convier de sua resposta.—De Vmc. attencioso venerador e criado, Vicente Eneas de Moraes Monteiro.

Ilm. Sr. Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Respondendo a sua carta supra tenho a dizer-lhe, que é verdade que o Sr. padre João Scaligero Augusto Maravalho mandou chamar-me por duas vezes a sua casa e pediu-me para que fosse como testemunha depor na justificação de que falla dito sua carta, pretendendo provar que Silvana Maria da Gloria, menor de quinze annos, era maior de vinte e que já era uma mulher perdida, e por que eu a isto me negasse por ser um juramento falso porque conheço a e nunca ouvi dizer que ella fosse uma mulher perdida, ao que me replicou o mencionado vigário,—que jurasse o que elle dissesse, que embora fosse falso não fazia mal que era para defender a um sacerdote—e por que ainda assim eu a isto me negasse não quiz elle dar-me esmola dos dinheiros que tinham vindo para serem distribuidos com os pobres, apesar de minha familia constar de doze pessoas e de lhe pedir esmola por duas vezes; e que quanto a sahida de meu filho de sua companhia, foi a pedido de minha mulher, o que elle accedeu, mas tomando-lhe a roupa que tinha dado e nada pagando por tres mezes que dito meu filho esteve em sua companhia. Pode fazer de minha resposta e uzo que lhe convier.—Sou de V. S. venerador e criado, José Francisco Damaceno.—Quixadá, 4 de Setembro de 1877.

### CARTA DIRIGIDA A DIVERSAS PESSOAS.

Villa do Quixadá, 5 de Setembro de 1877.—Ilm. Sr.—Rogo-lhe que queira ter a bondade de responder ao pé d'esta—se é verdade ter V. S. ouvido dizer a algumas pessoas, ou se lhe consta, que o vigário João Scaligero Augusto Maravalho, como membro da commissão de soccorros ultimamente nomeada pela commissão central da cidade da Fortaleza, esbanjou só por si, sem convocar os demais membros de dita commissão, e em menos de 24 horas os 600\$000 para aqui remettidos para serem distribuidos com os indigentes flagellados pela secca; se d'esse dinheiro deu a seu mano José Raymundo Maravalho a quantia de 50\$000 por esmola, ao professor Jacob Cambuly 15\$000 e a cada uma de suas mãas, em numero de tres, 5\$000 também



per esmola. Permitta-me uzar de sua resposta.—De V. S. attencioso venerador e criado, *Vicente Eneas de Moraes Monteiro*.

#### RESPOSTAS.

Illm. Sr. Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Respondendo a supra carta de V. S. tenho a dizer que ouvira dizer n'esta villa por Luiz Teixeira de Souza Lima e mais alguem, que o vigario João Scaligero Augusto Maravalho, membro da commissão de soccorros ultimamente nomeada, esbanjou só por si, sem convocar os demais membros da dita commissão, e em 24 horas, pouco mais ou menos, concluiu os 600\$000 vindos para, por aquella commissão, ser distribuidos com os indigentes, assim com ter o vigario dado d'este dinheiro 10\$000 a seu mano José Raymundo Maravalho, homem cheio de recursos, 150 ao professor Jacob e 5\$000 a cada uma das irmãs d'este. Pode fazer d'esta minha resposta o uzo que lhe convier.—Sou de V. S. attencioso venerador e criado, *Francisco Lins Sampaio*.—Quixadá, 5 de Setembro de 1877.

Sr. tenente Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Em resposta a supra carta de V. S. firmada com data de hoje passo a responder, que é exato que o vigario João Scaligero Augusto Maravalho, como membro da commissão ultimamente nomeada pela commissão central da Fortaleza, esbanjou só por si, sem convocar os demais membros da dita commissão, os 600\$000 para aqui remetidos por aquella commissão para ser distribuidos com os indigentes flagellados pela secca; se d'esse dinheiro deu a seu mano José Raymundo Maravalho, ao professor Cambui e a tres manas d'este, ouvi dizer por diversas pessoas, não affirmo a realidade. Tenho assim respondido a sua carta, e pôde fazer de minha resposta o uzo que lhe convier.—Sou de V. S. patricio amigo e criado, *Antonio Francisco de Assis Marinho*.—Quixadá, 5 de Setembro de 1877.

Illm. Sr. tenente Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Em resposta a carta de V. S. tenho a dizer que na occasião, em que foi distribuido, pelo vigario João Scaligero Augusto Maravalho, como membro da commissão central, os 600\$000 vindos para aqui ultimamente, eu não estava n'esta villa; mais depois que aqui cheguei ouvi dizer que dito vigario tinha distribuido este dinheiro sem convocar aos demais membros, dando esmolas a pessoas que não estavam no caso, como bem, a seu mano José Raymundo Maravalho, e ao professor publico d'esta villa e a suas tres manas, e a muitos outros. Não sei que tempo gastou o predito vigario para distribuir este dinheiro. Pode V. S. fazer de minha resposta o uzo que lhe convier.—De V. S. attencioso venerador e criado, *Miguel Francisco de Queirós Sobrinho*.—Quixadá 7 de setembro de 1877.

Illm. Sr. Vicente Eneas de Moraes Monteiro.—Sobre o conteúdo de sua carta ape-

nas sei que fazia parte d'esta commissão o vigario João Scaligero, V. S. e José Alves da Silva, deixando de conhecer este ultimo; assim como consta-me, que não convocou a membro nenhum, podendo fazer o uzo que lhe convier. Sou—De V. S. patricio attencioso venerador e criado, *Antonio Ricardo da Silveira Bravo*.

(Estavam sellados e reconhecidas as firmas.)

#### E' bom não esquecer.

A rico não dezas e a pobre não promet-tas: diz o adagio.

Quando na Corte foi apresentada a lista, aberta entre os senadores e deputados cearenses para socorrer as victimas da secca, ao Exm. Sr. Barão de Aquiraz, S. Exc. deixou de subscrever-a por estar disposto a vir a sua provincia auxiliara indigencia com os recursos que lhe fosse possível, como declarou.

Com effeito S. Exc. voltou, mas por mais que tenhamos indagado, não encontramos noticia que diga ter o Sr. Barão cumprido sua promessa generosa e sobre a qual os pobres retirantes têm os olhos fitos.

Será esquecimento, ou por julgar ainda inoportuna a occasião?

### TRANSCRIPÇÃO.

#### Enterrar os mortos.

São mais do que contristadoras as noticias que chegam do norte do imperio.

Ao lêl-as o coração do homem se con-frange de dôr; mas o espirito do cidadão se revolta.

Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará são duramente açoitadas pela ira dos elementos: aqui, na-quasi inteira extensão d'essas provincias, o sol permanente a queimar e pulverisar os campos; ali, em creentos limitados, a chuva torren-cial e continua a dammificar o que encon-tra e, o que mais é, a matar as esperanças do futuro.

E' desolador semelhante espectaculo.

Os estragos presentemente causados são imensos; incalculaveis, porém, são as suas funestas consequências.

O movimento emigratorio que se opera n'essas provincias é espantoso e triste.

Povoações inteiras, accossadas pela fome e pelos males que de perto accompanham essa grande desgraça, abandonam os lares sem destino e sem esperança.

Caravanas perdidas, essa misera gente tem apenas por guia a necessidade de fu-gir, e por alimento os repudios das pro-prias feras.

Caminham ao acaso e, ao encontro de uma aldeia ou villa, a esperança se conver-te logo na recrudescencia do desespero; porque as ruas estão desertas, as casas va-sias e os fogões sem lume.

A idade, o sexo, a posição tudo se acha

confundido na mesma communhão da dôr, da fome e da nudez.

Os cemiterios mudaram-se para as es-tradas, onde a criança estala de cansasso e sêde; onde a mãe, tendo os seios mortos, faz de seu amor a mortalha do filho; onde o velho, como o adulto e forte, topando com o impossivel, desfallece e cahe.

São estas as scenas lugubres de que dão noticia os jornaes do norte.

A emigração já vae de provincia á pro-vincia. Da Parahyba emigra-se para Per-nambuco; do Rio Grande do Norte para o Ceará e do Ceará para o Amazonas e Pará.

O Ceará, sobre todas, tem soffrido mui-to. Seus filhos, por ordem do governo, são trasladados para regiões longiquas, onde chegam privados do minimo recurso, e de onde, provavelmente, não voltarão mais.

No paiz de todas as riquezas esta expa-triação forçada é incrível.

O desequilibrio economico, de parte os desastres moraes, deve ser prolongado e funesto para muitas gerações.

Dianhe, porém, de uma ordem de cousas tão afflicta, como ha procedido o go-verno? Que medidas ordinarias ou extraor-dinarias, como a situação exige, ha reali-sado?

O desenvolvimento e proporções que ha tomado a desgraça, que tão estrondosa-mente afflige essa parte do imperio, são o attestado eloquente da inepcia e criminosa incuria da gente que desgoverna o paiz.

Os canticos de louvor e agradecimento que os governos d'essas provincias levantan em honra do gabinete e do ministro das finanças, suffocam os gemidos das vic-timas...

No Ceará levantam-se impostos extraor-dinarios e em toda a parte reina a paz.

Que mais?

Ao marquez de Pombal, por occasião do terremoto de Lisboa, se attribue estas palavras: *cuidar dos vivos e enterrar os mortos*.

Já que o governo não cuida dos vivos, ao menos enterre os mortos.

Rio, 1 de Setembro de 1877.

(Editorial da *Reforma*.)

### A PEDIDO.



#### EPITAFIO

Para a publica opinião  
João Brígido já morreu!  
E o Pirão, n'uma fôrnalha,  
Seu negro corpo escondeu!

Coitado! Já não existe!  
Sumio-se, morreu, levou fim!  
Eis a sorte que no mundo  
Texe e celebre Columm!

CEARÁ—1877—*Tipographia Municipal*.—Impres-sor, SOUTHEIRO PADILHA.